MARCOS 13: APOCALIPSE, VIOLÊNCIA E VIGILÂNCIA

Uma pista para a violência e mercado hoje?

Carlos Frederico Schlaepfer

Introdução

O tema que vamos refletir, neste artigo, nos faz lembrar a cena onde uma manada incontrolável avança em direção a uma criança, que, engatinhando, coloca-se atrás de uma árvore e vê os animais passarem à sua volta. Esta cena, passada nos meios de comunicação social, algum tempo atrás, como anúncio de um banco privado, comparava-se à proteção da árvore, enquanto que a criança era comparada ao investidor e os animais desgovernados, com o mercado financeiro. É interessante notar como uma instituição, vivendo do próprio mercado, apresenta-o desta forma!

Este anúncio, sem querer, denuncia a violência com que o mercado financeiro avança em direção ao lucro desenfreado. Mesmo não querendo, estamos todos ameaçados por esta violência, uma vez que caminhamos dentro de um projeto que pretende transformar o mundo segundo as exigências do chamado "neoliberalismo", ou também conhecido como "mercado globalizado". Seja qual for o nome que se queira dar, é fato que se trata de um projeto que restringe as instituições e regras democráticas. Sua realização se dá em meio a uma total falta de ética dentro da política, suprimindo os direitos sociais com a produção de amplos setores excluídos de seus direitos, como terra, teto, trabalho, dignidade, voz e vez... Esta é a realidade sobre a qual queremos refletir.

A apocalíptica nos ajuda a enxergar e pensar a história, principalmente em tempos de crise, de perseguição e violência. Sua mensagem destaca a vitória e a esperança, em meio à fidelidade e perseverança dos perseguidos. Hoje, a perseguição e a violência encontram-se veladas, sendo preciso tirar o véu, revelar/apo-calipse! Ao mesmo tempo é necessário ter firmeza e coragem para continuar a luta pela vida! O texto escolhido para ser uma luz nesta tarefa de revelação encontra-se no capítulo 13 do Evangelho de Marcos. Através de sua análise, buscaremos um sentido, uma pista, para o enfrentamento da amarga experiência de perseguição e dominação político-econômica de hoje.

1. A apocalíptica em Marcos 13

A presença da literatura apocalíptica em Marcos é algo notável. Várias são as passagens que possuem uma intensa ligação com os conceitos e figuras apocalípticas.[1] Portanto, podemos de fato pensar em um texto apocalíptico dentro do Evangelho de Marcos. Por outro lado, devemos reconhecer que o movimento apocalíptico, tendo

1. Cf. LOCKMANN, P. Marcos 13,1-27: "A parusia do Filho do Homem", *in: Estudos Bíblicos*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, n. 65, 2000, p. 62-74.

sua grande expressão literária a partir do período pós-exílico, encontra-se no primeiro século dC em pleno vigor, não apenas literariamente, mas principalmente enquanto movimento. O próprio cristianismo possui suas raízes neste movimento.[2]

Para iniciar a nossa reflexão no sentido de perceber uma ligação mais profunda entre Marcos 13 e a literatura apocalíptica, temos de estar atentos para certos aspectos, como, por exemplo, a proximidade com o apocalipse de Daniel e de João. Além disto, o discurso encontra-se reservado para quatro dos discípulos, fato bastante comum e próprio da literatura apocalíptica em geral. Da mesma forma, a apresentação do discurso, tendo em seguida o relato da paixão e morte de Jesus, coloca-se em semelhança com os testamentos apocalípticos, como o Testamento dos Doze Patriarcas.

Sem dúvida, esta proximidade toda coloca o texto de Marcos 13 dentro de uma perspectiva apocalíptica. Entretanto, o texto traz uma grande discussão tanto no seu aspecto literário quanto redacional. A sua própria denominação aparece de várias formas: Pequeno Apocalipse, discurso escatológico, discurso apocalíptico etc. Esta variedade revela certa dificuldade em defini-lo ao certo.[3] Portanto, sem querer excluir o seu aspecto também escatológico, temos presente que um texto apocalíptico pode muito bem afinar-se com um conteúdo escatológico, enquanto que o processo inverso torna-se bastante improvável.[4] Talvez esta presença em Marcos 13, tanto da apocalíptica quanto da escatologia, poderia ter a sua razão de ser nas fontes e tradições que estão subjacentes ao texto.

Sobre o aspecto redacional, é interessante o trabalho escrito por Harold Rowley,[5] onde a discussão em torno da formação do texto de Marcos 13 pode ser colocada nos seguintes termos: Seria uma composição de Marcos ou um documento já em circulação e utilizado por ele? O conteúdo apresenta idéias de Jesus ou atribuições a Ele por parte de seus discípulos? O texto é uma unidade literária ou uma combinação de pelo menos dois textos separados?

Muitas destas questões não chegam a uma conclusão entre os estudiosos.[6] Para Rowley, entretanto, não se pode negar que o texto contenha declarações de Jesus, embora não necessariamente ditas em uma única ocasião, bem como a presença de acréscimos e desenvolvimentos dos elementos escatológicos. Assim, pode-se admitir diferentes colaboradores, sendo o texto final, ou seja, sua presente forma, dependente do próprio evangelista. Quanto à unidade do capítulo é grande a tendência dos estudiosos em aceitar a dupla fonte. Uma trata da queda de Jerusalém e outra do fim do mundo. O caráter artificial da conexão entre as duas seções não prova uma autenticidade de uma em detrimento da outra. Ambas podem ser autênticas e ligadas por um editor.

2. RICHARD, P. *Apocalipse. Reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 30-48.

3. Para uma análise mais detalhada sobre esta questão, cf. ZEDDA, S. *L'escatologia biblica*. Vol I: *Antico Testamento e Vangeli Sinottici*. Brescia: Paideia, 1972; MATEOS, J. *Marcos 13: El grupo cristiano en la historia*. Madrid: Cristiandad, 1987.

4. ZEDDA, S. *L'escatologia biblica*, p. 339.

5. Cf. ROWLEY, H.H. *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 152s.

6. Cf. MATEOS, J. *Marcos 13: El grupo cristiano en la historia*, p. 24s. O autor apresenta farta bibliografia sobre a diversidade de opiniões quanto à questão redacional.

2. O lugar do discurso apocalíptico no Evangelho de Marcos

As divisões e estruturas do Evangelho de Marcos, apresentadas pela maioria dos autores, colocam o capítulo 13 dentro do contexto da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, isto é, Marcos 11,1–13,37. Entretanto, Caetano Minette de Tillesse[7] nos alerta, em seu trabalho sobre a estruturação teológica do Evangelho de Marcos, que existe uma forte relação entre o discurso apocalíptico e o relato da Paixão em seu Evangelho. O ponto de partida para tal afirmação está na relação entre o destino de Jesus descrito nos capítulos 14–16 e a Paixão vivida pela comunidade marcana descrita no capítulo 13. A situação de perseguição impede que a comunidade exerça sua missão evangelizadora e, por isso, o grande acento sobre o medo, pavor, incompreensão. A Paixão atinge a sua mensagem concreta na comunidade de Marcos através do discurso apocalíptico. Nesta perspectiva, podemos perceber certo paralelismo entre o relato da Paixão (Mc 14,1–16,8) e o discurso apocalíptico (Mc 13,1-37):

a) Nestes quatro capítulos, encontramos treze vezes a palavra "entregar" (verbo e substantivo). Desta ocorrência, três vezes aparece em Marcos 13. É interessante o paralelismo entre 13,9: "Cuidai, porém, de vós mesmos. Sereis arrastados aos tribunais e açoitados nas sinagogas, comparecereis diante de governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho diante deles" e 14,53: "Conduziram Jesus à casa do Sumo Sacerdote, onde se reuniram todos os sumos sacerdotes, escribas e anciãos" e 15,15: "Pilatos, querendo agradar o povo, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de tê-lo mandado açoitar, entregou-o para ser crucificado".

b) Em Marcos 13,22, os falsos messias e os falsos profetas irão enganar os eleitos. Em Marcos 14,27-31, Jesus, referindo-se aos discípulos, fala em escândalo e engano de Pedro.

c) Também podemos perceber que a hora está presente de forma marcante nestes capítulos: Em 13,32 fala-se do dia e da hora. Já em 14,35 encontramos: "Adiantou-se um pouco, caiu por terra e pedia que, se fosse possível, passasse dele aquela hora". Já em 14,41 a hora chegou.

d) Em Marcos 13,35, fala de diversas horas: "Vigiai, pois não sabeis quando o senhor da casa voltará, se à tarde (18h), se à meia-noite, se ao cantar do galo (3h) ou pela manhã (6h)". Já no capítulo 14,17: "ao cair da tarde" (18h). Em 14,72; 15,1.25.33.42, o tempo aparece de três em três horas (a Vulgata acrescenta em 14,68: "e o galo cantou").

e) O solene anúncio de Parusia é encontrado nos seguintes textos: 13,26: "Então verão o Filho do homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória" e 14,62: "Jesus respondeu: 'Eu sou! E vereis o Filho do homem sentado à direita do Todo-poderoso, vindo sobre as nuvens do céu'".

f) Por fim, podemos ainda perceber que em Mc 13,30: "Eu vos asseguro: Não passará esta geração antes que tudo isso aconteça", a realização se encontra na Paixão. O anúncio da destruição do Templo em Marcos 13,2: "Vês estas grandes construções?

7. TILLESSE, C.M. "Evangelho segundo Marcos. Nova tradução estruturada. Análise estrutural e teológica", in *Revista Bíblica Brasileira*, n. 1-2 , p. 80-81, ano 9 (1972). O autor baseia o seu trabalho de análise do capítulo 13 em LIGHTFOOT, R.H. *The Gospel Message of St. Mark*. Oxford: University Press, 1950.

Não ficará aqui pedra sobre pedra; tudo será destruído", aparece na forma de acusação a Jesus em Marcos 14,58: "Ouvimos Jesus dizer: 'Eu destruirei este Santuário feito por mãos humanas e em três dias edificarei outro que será feito não por mãos humanas'" e início de sua realização em Marcos 15,38: "A cortina do Santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes". As manifestações cósmicas que aparecem em Marcos 13,24-25: "Mas, naqueles dias, depois dessa aflição, o sol escurecerá e a lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes do céu serão abalados" espelha Marcos 15,33: "Chegando o meio-dia, toda a região ficou coberta de escuridão, até às três da tarde". Em Mateus 27,51 aparece a descrição de terremoto!

Tendo presente estas considerações acima, podemos perceber que de fato existe um elo entre o discurso apocalíptico e o relato da Paixão. Conforme acentua Caetano Minette de Tillesse,[8] o capítulo 13 do Evangelho de Marcos forma com os capítulos 14–16 uma única secção. Mas não podemos descartar o elo existente entre os capítulos 11–12 e o capítulo 13; afinal, o Templo é o elemento de ligação. A chegada de Jesus a Jerusalém e suas atividades no Templo são realçadas com o anúncio da destruição do mesmo. Temos, portanto, no capítulo 13 um desfecho dos capítulos 11–12 e anúncio da realidade vivida pela comunidade de Marcos em comparação com a realidade vivida por Jesus em sua Paixão.[9]

3. Em busca de uma estrutura do discurso apocalíptico...

Para a nossa reflexão, encontrar uma lógica para a estrutura do discurso apocalíptico em Marcos 13 é muito importante. Afinal, já vimos que sua localização dentro do Evangelho é estratégica e nos informa a intenção do autor frente à sua comunidade. Para tanto, sirvo-me do trabalho de Lambrecht, citado por quase todos os autores que se debruçam sobre este texto.[10]

Segundo o autor, Marcos 13 forma um grande quiasmo dividido em três partes formadas, por sua vez, cada uma por um novo quiasmo. Assim temos:

Introdução – 13,1-5a

Discurso – 13,5b-37:

A) 5b-23a: A desolação: informação e advertência

a) 5b-6: Os enganadores

b) 7-8: A guerra

c) 9-13: A perseguição

b') 14-20: A guerra

a') 21-23: Os enganadores

8. Cf. TILLESSE, C.M. "Evangelho segundo Marcos. Nova tradução estruturada. Análise estrutural e teológica", p. 81.

9. Cf. RAMIREZ, D. "Violência e testemunho profético (Evangelho de Marcos)". In: *RIBLA*, Petrópolis/São Paulo/São Leopoldo, n. 2, 1988, p. 57-88. É interessante perceber outro caminho percorrido pelo autor, que apresenta o relato da Paixão como sendo o retrato vivido pela comunidade marcana.

10. LAMBRECHT, J. "La Struttura di Marco XIII", in: Ignace de LA POTTERIE (org.). *Da Gesù ai Vangeli*. Assisi: Cittadella, 1971, p. 179-207.

B) 24-27: A vinda: anúncio

a) 24-25: Fenômenos celestes

b) 26: Se verá o Filho do Homem que vem

c) 27: Ele reunirá os eleitos

A') 28-37: O tempo: informação e anúncio

a) 28-29: Parábola da figueira

b) 30: Sentença sobre atenção ao tempo certo e próximo

c) 31: Sentença de confirmação

b') 32: Sentença sobre atenção ao dia ignorado

a') 33-37: Parábola do homem em viagem

Neste esquema, o centro do texto está em Marcos 13,26: "Então verão o Filho do homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória". Este versículo parece ser a resposta à pergunta feita no versículo 4: "Dize-nos, quando acontecerá isso e qual é o sinal de que tudo isso vai acabar?" Aliás, todo o discurso encontra-se em função desta pergunta. A série de sinais negativos à resposta coloca em destaque o versículo 26: a revelação do Messias com poder e glória. A partir deste versículo, aparece então como Deus exerce sua soberania até a consumação escatológica. O tempo, momento oportuno, marca o texto 7b: "mas ainda não é o fim"; 13b: "quem perseverar até o fim será salvo"; 33a: "porque não sabeis quando será o momento". A comunidade não sabe quando é o fim, mas deve esperar o tempo oportuno que pertence ao conhecimento de Deus.

O ambiente de violência, que a comunidade vive, leva a buscar este fim, esperando e tendo confiança na soberania de Deus. O texto não revela data, mas apenas aponta para novas aflições e, portanto, a necessidade de vigiar, perseverar.

4. Globalização, mercado e violência

Iniciamos a nossa reflexão com um propósito: buscar uma luz em Marcos 13, para a nossa realidade hoje. Até o momento, tivemos a oportunidade de analisar e buscar alguns elementos importantes, dentro do discurso apocalíptico. Entretanto, precisamos também aprofundar esta nossa realidade, colocando alguns elementos que possam ajudar em nossa tarefa.

O mercado globalizado caracteriza-se pela interpenetração econômica, através de fronteiras, nos processos de produção e de comercialização, com a dominância do capital financeiro a nível mundial. Neste processo, o Estado perde a capacidade de controle da economia nacional, devido à mobilidade do capital financeiro internacional. A busca pelo bem-estar social, característica da organização dos países desenvolvidos, acaba entrando em crise e encontra como única saída os princípios neoliberais: o único regulador da economia deve ser o mercado. O Estado deve deixar de intervir na economia, sendo a conseqüência principal desta intervenção a ausência de distribuição de renda e de políticas sociais: saúde, moradia, emprego, educação etc. De acordo com este princípio, o Estado é o grande responsável pela crise econômica, devendo, portanto, deixar as atividades econômicas serem ocupadas pela iniciativa privada, a regulação das mesmas pelo mercado e as responsabilidades sociais pelos indivíduos.

As conseqüências sociais deste modelo econômico são previsíveis pelos seus idealizadores: uma população permanentemente desempregada, composta por jovens que não conseguem chegar ao mercado de trabalho ou por adultos que perdem seu emprego e não conseguem mais lugar neste mercado. O desemprego torna-se endêmico no mundo inteiro. Nos países desenvolvidos, existem certas garantias e condições de vida que permitem algum tipo de sobrevivência. Já nos países do Terceiro Mundo, desemprego é sinônimo de abandono. O limite entre esta crise no emprego e a criminalidade é muito tênue, podendo ser percebida claramente a relação entre um e outro através de dados em todos os países, inclusive de Primeiro Mundo.

Esta violência decorrente da falta de trabalho está mergulhada dentro de uma categoria maior de violência, que podemos chamar de exclusão, ou seja, a rejeição de indivíduos dentro de um sistema social, no qual deveriam estar integrados. A própria sociedade se encarrega de criar instituições chamadas totais, que abrigam tais grupos de excluídos, como presídios, manicômios, asilos etc. A própria escravidão pode ser vista dentro desta perspectiva, ou seja, um grupo de derrotados dentro de uma sociedade vencedora...

Em que medida o mercado se torna excludente? Quem não existe para o mercado, ainda que seja muito virtuoso, pouco conta. Somos todos socialmente avaliados pela medida de nossa participação no mercado como consumidores e como vendedores de serviços de bens ou de nossa força de trabalho. Estamos inseridos em uma escala onde, num extremo, está a plena inserção no mercado, medida pela capacidade econômica do indivíduo, através de cartão de crédito, conta bancária com crédito automático, aplicações em dólar, turismo internacional. Na outra extremidade está o povo da rua que vive de sucatas, lixo e esmola. Entre estes dois pólos estão diferentes graus de integração. A exclusão reside neste processo de contínua rejeição do centro para a periferia do sistema econômico. Aí está a perversidade deste sistema que exalta um extremo em detrimento do outro. O mercado não deixa ninguém seguro de sua posição alcançada, se não acumular riquezas, podendo a qualquer momento lançar para a periferia quem está junto ao centro. Esta insegurança dissolve laços sociais de solidariedade, incentivando cada um a buscar sua posição de forma competitiva.

5. O discurso apocalíptico e a violência do mercado hoje

Bem, chegamos ao momento de buscar pistas para enfrentar esta realidade de hoje. Não é uma tarefa fácil, mas como se trata de buscar pistas e não soluções, creio que vale a pena tentar... Antes, porém, vamos rever os principais pontos considerados até aqui:

a) Procuramos situar o texto de Marcos 13 dentro da temática apocalíptica. Isto nos levou a crer que, dentro do ambiente vivido pela comunidade marcana, a situação

de aflição e violência são marcantes, tendo o Império Romano desenvolvido seu projeto avassalador: guerra, dominação, imposição de uma cultura através da "pax romana", perseguição e morte. Há uma íntima relação entre a forma apocalíptica de se expressar e a situação de violência e perseguição. Uma é decorrência da outra.

b) O texto se coloca entre dois fatos importantes: chegada de Jesus a Jerusalém e atividade no Templo, por um lado, e Paixão e morte de Jesus, por outro. Estes dois fatos são anunciados por Jesus no capítulo 13 e, mais ainda, este capítulo revela o retrato da própria comunidade de Marcos. Em outras palavras, ela se vê na Paixão de Jesus.

c) Diante deste quadro de violência e perseguição, onde se insere a comunidade marcana, como sobreviver? Vale a pena esperar? Até quando? O texto coloca em ressalto um aspecto importante: dentro do contexto de violência, não se busca o quando e como se dará o seu final. A preocupação deve ser outra. Daí a finalização do discurso voltado para a vigilância. É preciso estar atento! Os perigos são imensos, mas o trabalho de defesa e perseverança da comunidade é ainda maior.

Todos estes elementos tirados do texto de Marcos 13, colocados frente à nossa realidade hoje, poderiam nos ajudar de alguma forma? Creio que numa situação de violência, causada pelo modelo econômico excludente, pela lógica das "leis de mercado", pela competição desenfreada, em suma, pelo sistema neoliberal com sua ideologia globalizadora, sentimos a necessidade de ver o fim disto tudo. Queremos a derrota dos opressores, mas somos pequenos demais para reagir! Como lutar contra um sistema globalizado? Estamos de fato numa situação apocalíptica...

O discurso apocalíptico de Marcos 13 nos apresenta a arma contra a violência: A vigilância, a mística, e a força da solidariedade entre os irmãos! Mas de que forma vigiar? Logicamente, não se trata de uma atitude paralisante, mas, ao contrário, estar atento para não entrar no jogo da exclusão, buscar formas alternativas, medidas e estratégias que não permitam o avanço do modelo político-econômico que se impõe. Isto é possível? Podemos descrever exemplos de vigilância no campo, como o MST, ou junto a sindicatos combativos e preocupados com o problema do desemprego, melhoria das condições de trabalho, ou na área de saúde, como a pastoral da criança etc. Em meio a grupos e entidades comunitárias também vamos encontrar experiências significativas.

A princípio, o objetivo imediato de uma entidade comunitária coloca-se sob três aspectos importantes: ser um instrumento de organização popular, formadora de consciência e representativa da comunidade. Por outro lado, deveria ser obrigação do poder público (municipal, estadual e federal) o atendimento às carências imediatas da população, e em especial da população de baixa renda, mas a insuficiência de recursos, os interesses privados, a corrupção, dentre outros variados motivos, deixam a comunidade abandonada à própria sorte.

Diante desta realidade, cresce o número de iniciativas de grupos da própria comunidade que se organizam para buscar soluções e criar alternativas para os problemas sociais de uma determinada área. Ocorre, porém, que ao executar um trabalho de

assistência social ou educacional, a maioria das instituições ou grupos não conseguem ir além. São poucos os que param para avaliar e perguntar se o que fazemos está facilitando a comunidade a ser: mais comprometida com a construção de uma sociedade mais justa; mais unida para reivindicar seus direitos; mais consciente de seus deveres; mais ciente dos valores que fundamentam a sua prática.

Outra dificuldade muito comum é que, embora os grupos sejam bem intencionados e corajosos para realizarem trabalhos que exigem grande dedicação e infra-estrutura, acabam se fechando em si mesmos. Acabam não percebendo a presença de outras entidades e instituições que poderia atuar em conjunto, tornando os trabalhos comunitários mais organizados e atendendo melhor as necessidades da comunidade.

Dentro deste quadro, o trabalho desenvolvido por uma ONG denominada CEAR – Centro Ecumênico de Ação e Reflexão[11] parece ser bastante inovador e coloca-se como outro exemplo de vigilância. Trata-se de um trabalho comunitário, procurando integrar e fortalecer as forças de uma determinada comunidade, verificando a possibilidade de um inter-relacionamento entre as entidades e grupos que são constitutivos da mesma. Através de um trabalho de pesquisa feito por membros da própria comunidade, é possível chegar-se a um referencial comum entre as entidades da comunidade; traçar um perfil do que as entidades locais estão fazendo na comunidade, partindo das principais carências da mesma; levantamento do que as entidades da comunidade poderão realizar em conjunto, a curto, médio e longo prazo.

Este trabalho tem possibilitado alguns resultados interessantes, dos quais destaco dois, com o objetivo de ilustrar a nossa reflexão. Em primeiro lugar, vem despertando a importância da inter-relação entre os diversos grupos de uma comunidade, através de um fortalecimento e renovação de direcionamento dos trabalhos que são executados. Trata-se de uma verdadeira vigilância; ou seja, reforçar as iniciativas de solidariedade, fraternas, com objetivos comuns. Em segundo lugar, vem dando possibilidade a um verdadeiro trabalho ecumênico, onde diferentes denominações religiosas se unem para discutir e planejar seus trabalhos sociais em vista de uma mesma comunidade. Aqui, longe das ações excludentes de morte e violência, temos o aspecto da mística profética, de uma fé transformadora que procura realizar o bem comum, dando lugar à vida e à valorização do próximo.

Carlos Frederico Schlaepfer
Rua Cruz das Almas, 88/705
25085-450 Duque de Caxias, RJ
e-mail: cfschlaepfer@ig.com.br

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

11. O CEAR é uma entidade de assessoria a grupos comunitários, em todos os níveis sociais, que assume como desafio o fomento de ações de inter-relação entre os mesmos, valorizando a dimensão ecumênica.